

CENTENÁRIO DE HÉLIO PELLEGRINO: VÍNCULOS ENTRE PSICANÁLISE, MOVIMENTO MODERNISTA E CLÍNICA SOCIAL

*Caroline Perrota**
*Betty B Fuks***

RESUMO

Este artigo, escrito em homenagem ao centenário de nascimento de Hélio Pellegrino no ano de 2024, traz à tona sua produção artística e teórica, um verdadeiro legado à psicanálise e à cultura brasileira. Assim, buscamos perscrutar sua trajetória perguntando-nos de o porquê de sua obra permanecer, em grande parte, sob o estatuto de arquivo, no Museu de Literatura da Fundação Casa Rui Barbosa (Rio de Janeiro). O leitor encontra um breve percurso histórico da entrada da psicanálise no Brasil, através do Movimento Modernista e da Psiquiatria entre as décadas de 1920 e de 1950 e, em seguida, acompanhará o trajeto de Pellegrino durante as décadas de 1950 a 1980, tempo em que ele retomou a ligação entre a invenção freudiana e o modernismo e contribuiu amplamente à sua divulgação na cultura. Jornalista e poeta, divulgou o saber psicanalítico em seus poemas, crônicas e artigos em jornais. Crítico do elitismo e da corrente apoliticista das instituições psicanalíticas que, então, dominavam a transmissão do legado freudiano, Hélio fez a política da psicanálise através de sua prática, baseado na convicção de que ela

* Psicóloga e psicanalista em formação contínua pela Escola Letra Freudiana. Mestre e doutoranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida, com bolsa CAPES. Desenvolve pesquisas sobre a história da psicanálise no Brasil.

** Psicanalista. Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Professora do Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro. Pesquisadora da Associação Universitária de Psicopatologia Fundamental. Autora de “Vocação do exílio: Freud, Psicanálise e Judeidade” (Zahar); “O homem Moisés e o monoteísmo - três ensaios. O desvelar de uma assassinato” (Civilização Brasileira). Editora da revista on-line “Trivium: estudos interdisciplinares”.

contém um compromisso social manifesto em sua própria teoria. Em função disso, transcrevemos trechos de alguns de seus manuscritos guardados no Arquivo Hélio Pellegrino; eles traduzem a paixão desse psicanalista pelos “aspectos libertários da psicanálise”, bem como o seu empenho em derrubar a “postura ideológica apoliticista” das instituições psicanalíticas. Crítico contumaz do sistema capitalista, fundou, junto com Katrin Kemper, a Clínica Social de Psicanálise, uma instituição que proporcionou às populações menos favorecidas economicamente ter acesso ao tratamento psicanalítico, um espaço que se tornou também um fórum intersocietário, no qual a psicanálise passou a ser transmitida livre das amarras institucionais então vigentes em sociedades psicanalíticas regionais e internacionais.

Palavras-chave: Hélio Pellegrino, psicanálise, cultura.

CENTENARY OF HÉLIO PELLEGRINO: CONNECTIONS BETWEEN PSYCHOANALYSIS, THE MODERNIST MOVEMENT, AND SOCIAL CLINIC

ABSTRACT

This paper, written in commemoration of the centenary of Hélio Pellegrino's birth, in 2024, brings to light his artistic and theoretical contributions, a true legacy to psychoanalysis and Brazilian culture. In this article, we seek to explore his trajectory, questioning why much of his work remains archived at the Literature Museum of the Rui Barbosa House Foundation (Rio de Janeiro). The reader will find a brief historical overview of the introduction of psychoanalysis in Brazil through the Modernist Movement and Psychiatry, from the 1920s to the 1950s, and will then follow Pellegrino's journey from the 1950s to the 1980s. During this time, he reestablished the link between Freudian invention and modernism and made significant contributions to its dissemination in culture. As a journalist and poet, he promoted psychoanalytic knowledge through his poems, chronicles, and newspaper articles. A critic of the elitism and apolitical stance of the psychoanalytic institutions that then dominated the transmission of the Freudian legacy, Hélio practiced the politics of psychoanalysis based on his conviction that it carries an inherent social commitment within its own theory. For this reason, we have transcribed excerpts from some of his manuscripts preserved in the Hélio Pellegrino Archive. These writings reflect this psychoanalyst's passion for the “liberatory aspects of psychoanalysis,” as well as his dedication to dismantling the “ideologically apolitical stance” of psychoanalytic institutions. A relentless critic of the capitalist

system, he co-founded the Social Psychoanalysis Clinic with Katrin Kemper, an institution that provided economically disadvantaged populations with access to psychoanalytic treatment. This space also became an intersocietal forum where psychoanalysis was transmitted free from the institutional constraints that were prevalent in regional and international psychoanalytic societies.

Keywords: Hélio Pellegrino, psychoanalysis, culture.

CENTENARIO DE HÉLIO PELLEGRINO: VÍNCULOS ENTRE PSICOANÁLISIS, MOVIMIENTO MODERNISTA Y CLÍNICA SOCIAL

RESUMEN

Este artículo, escrito en conmemoración del centenario del nacimiento de Hélio Pellegrino, en el año 2024, pone de relieve su producción artística y teórica, un verdadero legado al psicoanálisis y a la cultura brasileña. Así, en este artículo buscamos explorar su trayectoria, preguntándonos por qué gran parte de su obra permanece archivada en el Museo de Literatura de la Fundación Casa Rui Barbosa (Río de Janeiro). El lector encontrará un breve recorrido histórico sobre la llegada del psicoanálisis a Brasil, a través del Movimiento Modernista y la Psiquiatría, entre las décadas de 1920 y 1950, y luego seguirá el camino de Pellegrino durante las décadas de 1950 a 1980. En esa época, él retomó la conexión entre la invención freudiana y el modernismo, contribuyendo ampliamente a su difusión en la cultura; como periodista y poeta, difundió el conocimiento psicoanalítico a través de sus poemas, crónicas y artículos periodísticos. Crítico del elitismo y de la corriente apolítica de las instituciones psicoanalíticas que entonces dominaban la transmisión del legado freudiano, Hélio hizo política del psicoanálisis a través de su práctica, basado en la convicción de que este tiene un compromiso social manifiesto en su propia teoría. En este sentido, transcribimos fragmentos de algunos de sus manuscritos guardados en el Archivo Hélio Pellegrino. Estos reflejan la pasión de este psicoanalista por los “aspectos libertarios del psicoanálisis”, así como su esfuerzo por derribar la “postura ideológica apolítica” de las instituciones psicoanalíticas. Crítico implacable del sistema capitalista, fundó junto con Katrin Kemper la Clínica Social de Psicoanálisis, una institución que permitió que las poblaciones económicamente desfavorecidas tuvieran acceso al tratamiento psicoanalítico. Este espacio también se convirtió en un foro intersocietario, donde el psicoanálisis comenzó a transmitirse libre de las restricciones institucionales que prevalecían entonces en las sociedades psicoanalíticas regionales e internacionales.

Palabras clave: Hélio Pellegrino, psicoanálisis, cultura.

Nascida na capital austríaca, em um momento histórico conhecido como “Modernidade Vienense”, a psicanálise tornou-se um dos produtos mais importantes do Modernismo – movimento cultural que, na tentativa de compreender e elucidar a subjetividade moderna, produziu novas formas de expressões intelectuais e artísticas. Embora esse movimento tenha chegado com certo atraso a Viena, a cidade tornou-se, ao lado de Paris e Berlim, um palco privilegiado do estilo transgressor da tradição, do academicismo e do acolhimento das crises e contradições no campo sociopolítico. O crítico literário Jacques Le Rider, inspirado nas teses de Paul Ricoeur sobre a identidade como processo contínuo de construção, mostrou, em *Modernidade vienense e crises de identidade*, o quanto os mais renomados intelectuais, artistas e escritores vienenses deram asas a uma nova concepção de sujeito a partir da redefinição de sua própria identidade. Entre eles, Sigmund Freud (Le Rider, 1992), que, tendo sido atingido pela falência do processo de emancipação do povo judeu na Europa, renunciou ao conceito filosófico de identidade, introduzindo no campo da psicanálise a ideia de que o psiquismo é efeito de múltiplas identificações.

Todas as modificações culturais do Modernismo tornaram-se mundiais em seu impacto. Em 1920, o movimento chegou ao Brasil, rompendo com as formas clássicas nas artes plásticas, literatura, arquitetura etc., por meio do questionamento da tradição intelectual à qual se submetiam. Inspirados pelas inovações das vanguardas europeias, o “Grupo dos cinco” – Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral – realizou a Semana de Arte Moderna em 1922. E, assim, Freud e sua teoria começaram a ter, de forma direta ou indireta, um impacto significativo sobre as obras produzidas por cada um deles.

Mário de Andrade (1928/2019) mencionou Freud em obras importantes, tais como *Paulicéia desvairada* (1922), *Amar, verbo intransitivo* (1928) e *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928), a obra fundadora do movimento antropofágico. Sobre essa última, a crítica literária Noemi Jaffe (2008) faz notar que Mário recorreu à psicanálise, assim como foi influenciado na construção psicológica de outros personagens que povoam outros de seus livros. Oswald de Andrade, por sua vez, reconheceu que a Antropofagia “só pode ter ligações estratégicas com Freud. Ele é uma das grandes energias do ciclo nascente” (Andrade,

2019). Em seus dois Manifestos – *Pau Brasil e Antropofágico* – usou termos humorísticos para se referir à psicanálise sem o intuito de descartar sua importância. Conforme Carmem Lúcia Oliveira (2005) observa: “o que finalmente persiste do saber psicanalítico na obra de Oswald de Andrade é uma atitude de constante admiração e rejeição a Freud” (p. 80).

Os modernistas, como um todo, debruçaram-se sobre os conceitos freudianos. Vemos referências à psicanálise em livros e revistas de Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, Alcântara Machado, Drummond, Milliet etc. Além deles, artistas plásticos, como Tarsila do Amaral – citada acima –, Ismael Nery, Cícero Dias e Flávio de Carvalho. Todos se interessavam especificamente por *Totem e tabu*, *A interpretação dos sonhos* e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, lendo essas obras como modelo explicativo do social e criando um debate com as ideias freudianas de forma bastante original, pois faziam uma apropriação de suas teses sem aderir à teoria psicanalítica (Oliveira, 2005). Dessa forma, tiveram uma importante contribuição para a difusão da psicanálise no Brasil, com as ideias freudianas sendo relacionadas às questões sociais locais e de identidade nacional. Nesse contexto sociocultural, a descoberta freudiana estabeleceu-se no país e foi sendo incorporada em diferentes grupos, mais como um saber sobre as práticas sociais do que um saber relacionado à prática clínica. A ideia do divã e a importância da análise pessoal não estavam aqui presentes.

No outro espectro intelectual, essa foi também foi uma época marcada pelas concepções higienistas que apontavam o atraso da sociedade brasileira frente ao mundo europeu e civilizado. Tal concepção influenciou o discurso médico, que buscava uma intervenção social contra a degeneração psíquica, que era relacionada aos excessos da sexualidade associados, sobretudo, à população negra, que carregava o estigma de possuir hábitos primitivos. A teoria freudiana da sexualidade era tida, então, como um possível instrumento de diagnóstico e de repressão, com vistas a educar e a civilizar a população brasileira. Assim, a psicanálise obtém um papel central nas ideias higienistas que articulam, então, a noção de desenvolvimento individual com as ideias civilizatórias, e, dessa forma, passa a ser considerada o “remédio” contra a degeneração psíquica, sendo submetida a um processo de seleção dos conceitos e trechos que serviriam

aos propósitos “curativos” dos profissionais higienistas. Evidentemente, isso gerou a distorção dos conceitos fundamentais da obra freudiana. A educação, que era uma importante preocupação republicana, seguiu os rastros do saber médico que indicava a inferioridade do povo brasileiro e via os problemas sociais como resultado disso, ressaltando a ocorrência de um importante movimento eugenista no país, marcado pela implementação de instituições como a Associação Eugenista Brasileira e a Liga Brasileira de Higiene Mental¹.

É no seio desse movimento que Durval Bellegarde Marcondes, conhecido como aquele que primeiro praticou a psicanálise no Brasil, fundou, em 1927, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Juliano Moreira, juntamente com Júlio Porto Carrero, estabeleceu uma filial da Sociedade no Rio de Janeiro em 1928. Em agradecimento pelo empenho de transmitir a psicanálise fora do continente europeu, Freud escreve a Porto Carrero: “Quão notável é que no distante Brasil nasça de repente um movimento psicanalítico pronto, com divulgação em toda sociedade e naturalmente alguma oposição. Essa última não deve faltar”. Em suma, Freud enfatizou a necessidade de que os psicanalistas aprendessem a enfrentar as resistências à psicanálise, sempre presentes no sujeito e na cultura. E na mensagem endereçada ao psiquiatra Osório César, Freud escreve: “Causa-me grande satisfação a prova de interesse que a nossa psicanálise vem despertando no seu distante Brasil”².

Porto Carrero via na psicanálise um instrumento importante para que a Liga Brasileira de Higiene Mental atuasse no campo educacional. A psicanálise passa, então, a participar dessa nomeação estigmatizadora do mal-estar brasileiro, em que a sexualidade é colocada como um elemento estrangeiro; ela também engendra o reconhecimento clínico do sofrimento e lógica da produção de sintomas. Alguns médicos psiquiatras que foram precursores e pioneiros da psicanálise no Brasil também estiveram intimamente ligados ao sistema psiquiátrico asilar (Juliano Moreira, Nina Rodrigues e Franco da Rocha), sendo ícones do movimento das grandes internações psiquiátricas. A loucura, além de ser tomada no campo da patologia, também representava um perigo social, sendo os hospícios instituições que buscavam a civilização através da segregação, de modo que a civilização em chave positivista brasileira, segundo Cristian Dunker,

“quer dizer duas coisas: 1. muros e fronteiras para produzir uma espécie de determinação particular gerida por regras de exceção; 2. exagero paródico de um síndico às voltas com a recusa da indeterminação social representada pela loucura (Dunker, 201, pp. 122-123).

Verificam-se, assim, os paradoxos da chegada da psicanálise ao Brasil, e que não houve um processo linear para a sua implementação. Ela foi acompanhando o processo de urbanização do país, marcado pelas desigualdades econômicas, sociais e culturais, o que certamente trouxe interferências nas formas pelas quais a psicanálise se estabeleceu em cada região. E, nesse movimento, as ideias psicanalíticas foram sendo difundidas em movimentos contraditórios.

Desse modo, a psicanálise parecia funcionar como um dispositivo que embasaria o desenvolvimento individual, necessário à aspiração de entrada do Brasil na modernidade. Entretanto, como já dito acima, essa entrada se deu por caminhos marginais, nos quais a clínica psicanalítica propriamente dita não encontra um lugar. Assim, até meados da década de 1940, a psicanálise funcionava como um complexo discursivo que era utilizado para a interpretação do mal-estar e engendramento de movimentos e políticas. A chegada dos primeiros analistas didatas no Brasil deu-se nessa época. Em 1936, Jones convida Adelheid Koch, membro associado do *Berlin Psychoanalytic Institute*, para vir ao Brasil analisar futuros analistas. A chegada da analista em São Paulo, em 1937, causou um forte impacto em uma cidade provinciana: Koch passou a desenvolver um trabalho clínico, apesar da barreira linguística. É digno de nota que, além da clínica, ela proferia, em instituições voltadas ao serviço social, palestras sem ônus para os ouvintes (Haudenschild, 2015). Já Frank Philips, engenheiro de formação, chegou a São Paulo algum tempo depois. Australiano, havia sido paciente de Melaine Klein e de Wilfried Bion e possuía muitos contatos no exterior, assumindo, assim, a forma da figura esperada. Juntou-se ao grupo de Durval Marcondes e, quando iniciou sua prática como analista, passou a cobrar altos preços pelas sessões, além de manter uma grande rigidez quanto à frequência. Assim, a psicanálise, enquanto forma de tratamento, foi-se instituindo como uma alternativa para a aristocracia brasileira, em outras palavras, uma clínica para a elite (Dunker, 2015). Adelheid Koch e Frank Philips

ficaram responsáveis por conseguir o reconhecimento da *International Psychoanalytical Association* (IPA) para as instituições brasileiras, o que ocorreu na década de 1950. Essa espera parece ter marcado a posição de colonizada da psicanálise brasileira, sempre à espera da internacionalização como forma de legitimação.

Tal posição marcou a postura das instituições psicanalíticas que dominavam a transmissão da psicanálise nessa época, de forma que a historiografia da psicanálise brasileira passou a ser contada através da história daqueles que são chamados precursores ou pioneiros³, assim como por meio da história das sociedades psicanalíticas que se formaram, sobretudo, em São Paulo e no Rio de Janeiro e, posteriormente, em Porto Alegre. Tais instituições seguiam os padrões da IPA, que, após o advento do nazismo na Europa, transmitia uma orientação para que suas instituições buscassem uma postura “imparcial” e apolítica – direção sobretudo capitaneada por Ernest Jones –, o que, na verdade, se constituía em um acumplicamento das instituições psicanalíticas com o sistema político dominante. Entre Adheleid Koch e Frank Phillips, parece ter predominado a influência do segundo, visto que o trabalho social praticado por Koch ficou escamoteado pela ascensão da psicanálise entre a aristocracia brasileira e a classe média (Dunker, 2015, pp. 141, 142).

Michel de Certeau, em *História e Psicanálise*, insiste que “a instituição mediatiza a relação do analista com a história geral” (2023, p. 80), o que significa que a historiografia oficial desmente sistematicamente aspectos na história da psicanálise, tais como conflitos e divisões que marcam a relação da teoria psicanalítica com sua exterioridade. Historiador e psicanalista, Certeau afirma que, no ponto “em que a psicanálise ‘esquece’ sua própria historicidade, ou seja, sua relação interna com conflitos de poder e de posição, ela torna-se um mecanismo de pulsões, ou um dogmatismo do discurso ou uma gnose de símbolos” (Certeau, 2023, p. 81). Seguindo essa lógica, pode-se constatar que, na historiografia brasileira, alguns psicanalistas foram marginalizados, esquecidos, sendo Hélio Pellegrino um deles. Larissa Leão de Castro (2024), em *Hélio Pellegrino: por uma psicanálise política*, mostra que poucos trabalhos deste analista foram publicados. Com efeito, a maior parte de sua obra permanece em seu acervo histórico sediado no Museu de Literatura da Fundação Casa Rui

Barbosa, no Rio de Janeiro. Supõe-se que, devido a esse fato, ele seja um autor pouco estudado no meio psicanalítico. A questão que se coloca pode ser enunciada da seguinte forma: quais incidências da psicanálise brasileira levaram os escritos de Hélió a permanecerem no arquivo.

Médico psiquiatra, insatisfeito com a medicina tradicional, Pellegrino conta-nos que “Entre lágrimas e urina, nasceu-me o desejo de me dedicar à psiquiatria” (Pellegrino, 2004, p. 25). Descreve, assim, uma experiência dos tempos de faculdade em que assistiu, transtornado, a uma aula em que um velho marinheiro era utilizado como um simples corpo a ser exposto para estudantes e, enquanto a aula prosseguia, esse senhor chorou e urinou sem que a aula fosse interrompida por isso.

Ao lado de seus amigos, que eram jornalistas, escritores e poetas – Otto Lara Rezende, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos –, Hélió compunha o “quarteto dos mineiros” sediado no Rio de Janeiro. Um quarteto de “cavaleiros do íntimo apocalípticos”, conforme depoimento de Otto Lara Rezende (1981 citado por Bezerra, 2022), que se mantiveram unidos ao longo de 40 anos. Apaixonado pela poesia e pela literatura desde jovem, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira na psiquiatria, Pellegrino publicava dois poemas: “Poema do Príncipe Exilado” e “Deixa que eu te ame” – o primeiro foi dedicado à Mário de Andrade, a quem escreveu 11 cartas. As respostas do escritor tornavam-se propriedade do grupo de mineiros/cariocas.

As cartas de Mario de Andrade eram uma festa, e constituíam propriedade grupal coletiva. Nos reuníamos na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, para ler e discutir o texto, esmiuçando-o, revirando-o, interpretando-o em todas as suas direções. Com isto, Mário de Andrade tornou-se para nós, antes que o conhecêssemos, um amigo íntimo, querido e perfeito. Ele nos abana a cabeça e nós, em contrapartida, lhe abríamos o inquieto coração de moços (Pellegrino, citado por Pires, 1998, p. 16).

O fato é que o autor de *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter ficou impressionado com Pellegrino. Certa ocasião, confidenciou a Fernando Sabino que Pellegrino lhe causava inquietações e que a dupla [Sabino e Pellegrino] era um “vulcão caótico”. Com relação ao poema escrito por Hélió em sua homenagem, Mário o classificou como “poema incontrolável, para mim, poema esplêndido” (Andrade, citado por Pires, 1998, p. 17).

Seu encontro com a psicanálise se deu, segundo ele, “por linhas aparentemente tortas” (Pellegrino, 2004, p. 26). Ele descreve que sua atração por literatura, poesia e política o teria livrado de se tornar um médico organicista e, assim, vislumbrou na psicanálise uma luz para suas inquietações. Não havia, porém, formação em psicanálise em Belo Horizonte à época, e o conhecimento sobre o tema na região era escasso. Dessa forma, o Rio de Janeiro – cidade para a qual se mudaram, aos poucos, seus amigos e que continha a possibilidade de que fizesse análise e se tornasse psicanalista – tornou-se uma cidade muito atraente. Ele então se mudou, nos primeiros meses de 1952, com sua família para a capital federal da época.

Pellegrino iniciou a formação de psicanalista com Iracy Doyle, no Instituto de Medicina Psicológica. Inquieto, guardava consigo diversas críticas ao texto freudiano, mas no grupo dessa psicanalista encontrou espaço para empreender uma reavaliação crítica da obra de Freud, traçando um trajeto singular que significou, ao final, afirmar a psicanálise como sinônimo de libertação, por meio de uma negociação entre as exigências sociais e pessoais. Assim, ele encontrou na psicanálise um importante caminho para ir ao encontro da alteridade. Após a morte de Iracy Doyle, Pellegrino se aproximou de Werner Kemper, da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), e iniciou análise com Katrin Kemper.

Reunindo as tendências dos movimentos que trouxeram a psicanálise ao Brasil – o Modernismo e a Psiquiatria –, Hélio Pellegrino retomou a ligação da psicanálise com a cultura, fazendo com que as ideias psicanalíticas fossem divulgadas em muitos dos artigos que publicou em jornais de grande circulação, recolocando-a como produto do Modernismo e dando especial destaque ao estilo transgressor correspondente a esse movimento. Com isso, obviamente se colocava na contracorrente dos analistas que insistiam em difundir a psicanálise apartada da cultura e do campo social. Ao mesmo tempo, mostrava-se contrário às correntes psiquiátricas dominantes e defendia ardentemente a posição freudiana frente à análise leiga. Ao lado disso, enfatizou uma posição contrária ao uso da psicanálise como subserviência do sistema dominante, segregador e opressor. Em um de seus artigos publicados em 1986, denominado “Joaquim, Psicanálise e Botânica”, parafraseando esse personagem, “um especialista em ideias gerais”, escreve:

– E para que possamos fazê-lo – arrematou Joaquim –, para que vocês, psicanalistas, possam conhecer a espessura profunda do inconsciente, é preciso retomar o pensamento primitivo, poético, inaugural. Para tanto, nada melhor do que umas longas e frequentes caminhadas pelo Jardim Botânico. As árvores nos ensinam a esquecida paciência. E nos fazem íntimos da terra: matriz, matéria, carnadura do mundo do qual somos feitos (Pellegrino, 1986/1988, p. 68).

Na década de 1960, a história brasileira confrontou-se com o golpe militar, que não foi sem consequências para a psicanálise no país. Na verdade, a partir desse momento houve um *boom* da psicanálise “apolítica”. Roudinesco e Plon (1998) mostram-nos que, devido a essa postura, a direção da IPA era de que as instituições psicanalíticas brasileiras mantivessem uma postura de neutralidade em relação às ditaduras emergentes na América Latina. Assim, a *Revista Brasileira de Psicanálise* mantinha o cuidado de apresentar uma psicanálise sem interesse pela política e destacada do campo social.

Com o advento da ditadura militar, a indignação política da juventude de Pellegrino renasceu com força total. Representando os intelectuais, tornou-se um porta-voz da luta contra a ditadura, chegando a fazer mediações entre governo e oposição e a escrever artigos corajosos que acabaram por levá-lo à prisão. Conta-se que ele possuía uma fala eloquente e atrativa e que não se furtava a defender o que acreditava. Tais características e a luta por justiça marcaram também a sua atuação como psicanalista, fazendo com que mantivesse tanto a eloquência autêntica quanto a indignação apaixonada que carregava na sua atuação como político, jornalista e poeta. De fato, ele exerceu a psicanálise singularmente. Conta-se, por aí, que em seu consultório constava uma tabuleta com a escritura: “Só um louco se analisa com Hélio Pellegrino”. Observa-se que ele nunca desmentiu tal informação.

Assim, ele fazia uma profunda crítica ao elitismo que cercava a psicanálise brasileira em sua época, marcada pela posição conservadora das instituições psicanalíticas. Criticava com ferocidade o apoliticismo exercido por tais instituições, que seguiam os padrões da IPA, afirmando que tal apoliticismo nada mais era do que uma forma de fazer política, a fim de garantir o privilégio para poucos. Lemos em um manuscrito:

A estrutura das Sociedades Psicanalíticas revela, com clareza, as funções conservadoras desempenhadas pela instituição psicanalítica. Esta, acumpliciada com o privilégio social, vai reproduzir nas sociedades que a compõem, a mesma estrutura de poder do sistema social com que se alia. A microssociedade, mais uma vez, reproduzirá a macrosociedade. O compromisso da instituição psicanalítica com o sistema vai expressar-se na própria estrutura das sociedades psicanalíticas.

O sistema é elitista, privilegiante, antidemocrático. As Sociedades Psicanalíticas que encarnam a instituição da psicanálise, também terão uma estrutura elitista, privilegiante, antidemocrática (Pellegrino, MFN-09442, pp. 41 -42)⁴.

Quando esteve preso, Pellegrino, filiado à SPRJ, solicitou à instituição um documento que falasse sobre os efeitos negativos que poderiam sofrer seus pacientes por sua prisão. A resposta da instituição é que não poderia emitir tal documento, pois a Sociedade não se metia com assuntos políticos. Por volta deste período (1968/1969), contudo, a sociedade de que era membro – Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) – admitia em seus quadros o médico Amílcar Lobo, como candidato a analista. Ao mesmo tempo que realizava sua formação psicanalítica, ele, que era militar, participava das sessões de tortura de presos políticos durante o período da ditadura militar. Na ocasião, Lobo se analisava com Leão Cabernite que, por sua vez, não interrompeu a análise, tampouco revelou que sabia da condição de torturador do candidato a analista. Evidentemente, tratava-se de uma situação que não tinha como não gerar conflitos e discussões importantes acerca da prática da psicanálise e sua relação com a política.

Convencidos de que a psicanálise, enquanto teoria e prática, estava muito além das doutrinas das instituições – as quais acusava de empobrecer a psicanálise por retirá-la de debates sociais importantes –, Pellegrino e Katrin Kemper iniciaram um projeto que visava à realização de sessões públicas de análise, a fim de que a psicanálise revisse seu conservadorismo. Assim, nasceram os Encontros Psicodinâmicos, cujas reuniões preparatórias contavam com cerca de dez analistas, entre eles psicanalistas que haviam deixado a SPRJ e fundado o Círculo Psicanalítico da Guanabara. Importante mencionar aqui que, apesar das duras críticas às instituições psicanalíticas em geral e à SPRJ em particular, Pellegrino

foi, durante muito tempo, membro dessa Sociedade, fazendo questão de exercer a liberdade que associava à psicanálise. Em fóruns e debates de que participava, ele fazia questão de denunciar o que chamava de “barões da psicanálise”, remetendo-se àqueles que buscavam capitanear a transmissão de uma psicanálise elitista e apolítica, afastando-a de questões essenciais. Tal fato contribuiu para a sua expulsão da SPRJ. Nem a expulsão, todavia, diminuiu sua coragem: recorreu à justiça para ser readmitido.

Como bom “cavaleiro apocalíptico”, marcou uma posição firme contra o *establishment* psicanalítico, acusando as instituições psicanalíticas brasileiras de subserviência à IPA. Para Pellegrino, tal estado de submissão as mantinham afastadas dos grandes debates sociais da época. Tendo encontrado na psicanálise aspectos libertários que a elite psicanalítica recalcara a fim de manter seus privilégios, Pellegrino defendia que a postura neutra e apolítica adotada pelas sociedades psicanalíticas tinha como finalidade última manter o compromisso ideológico-político com o capitalismo e, conseqüentemente, com a dominação de classes:

Os aspectos libertários da ciência psicanalítica caem, disfarçadamente, em olvido. O *establishment* psicanalítico recalcou-os. E sobre este recalque erige-se uma postura ideológica apoliticista, por trás da qual não é difícil detectar todo um compromisso político com o privilégio, com a dominação de classe, com o capitalismo. Para que o privilégio do psicanalista seja mantido, é preciso manter intocável o privilégio daqueles que pagam aquele privilégio. Para tanto, o modelo terapêutico, apolítico, é extremamente conveniente.

Com isto, entretanto, perde a psicanálise, enquanto ciência, em vários de seus aspectos vitais (Pellegrino, MFN-09442, pp. 12-13).

Pellegrino entendia que o trabalho do psicanalista encerrado em seu consultório mantém a visão sobre a neurose e a doença mental como expressão da história individual de cada um, perdendo-se, assim, a capacidade de pensar a doença mental e o sofrimento psíquico também em termos políticos e sociais. A partir dessa ideia, Pellegrino lutou para que a psicanálise fosse difundida e acessível a todos os que desejassem passar por esse tratamento, e não apenas quem podia pagar, destacando, assim, a função da psicanálise no campo social, transmitindo que há uma política da psicanálise, que era transmutada pelo apoliticismo corrente das instituições psicanalíticas:

Em nosso consultório nos exaurimos em holocausto a nós mesmos e a um punhado de privilegiados que nos podem pagar. A neurose, para nós, é fruto e expressão de uma história individual. Perdemos, na clínica privada, o estímulo para pensar a doença mental em termos de seu poder de denúncia do sistema social iníquo em que vivemos.

Toda sociedade tem os loucos que merece. A violência do sistema capitalista na medida que promove a diáspora dos seres humanos, transformando-os em ilhas isoladas e inimigas, em permanente guerra de competição para a destituição do concorrente, constitui sem qualquer dúvida fonte de neurose (Pellegrino, MFN-09442, pp. 16-17).

Para Pellegrino, tal alienação afasta a psicanálise da importante tarefa de fazer o seu discurso circular, escamoteando seus aspectos subversivos e o compromisso social de contribuir para os grandes dilemas da sociedade. Tal estado de coisas leva, ao fim e ao cabo, à distorção de seus conceitos fundamentais e à consequente desvalorização da psicanálise:

Somos herdeiros de uma das mais ousadas revoluções científicas da história humana e, apesar disto demos um tratamento doméstico, de fundo de quintal. O apoliticismo da psicanálise, sua privatização radical, sua transformação em especialidade médica e dessexualização de sua doutrina constituem tantos aspectos de uma mesma empreitada fazer a psicanálise barba e bigode, despotencializá-la, despojá-la de seu empuxo revolucionário, normalizá-la, recuperá-la (Pellegrino, MFN-09442, pp. 19-20).

Recentemente, foi publicado no Brasil um estudo inédito sobre as clínicas públicas de psicanálise na Europa. Trabalhar sobre ele e refletir, nesse momento, as consequências dessa experiência antes de seguir indagando-nos sobre a importância de Pellegrino para a psicanálise de seu tempo e para os analistas do século XXI, faz-se extremamente necessário.

A obra de Elizabeth Ann Danto, *As Clínicas Públicas de Freud: psicanálise e justiça social*, publicada no Brasil em 2019, desconstrói a ideia muito difundida de uma psicanálise cara e disponível apenas para elites, e leva-nos a pensar sobre o papel da psicanálise no mundo. A história que Danto nos conta sobre o chamado de Freud aos analistas em Viena Vermelha, conhecida como um movimento que aconteceu logo após o fim da Primeira Guerra e seguiu com a derrubada do Império dos Habsburgo. A cidade de Viena vivia o nascimento de um Estado Social-Democrata

que se baseava na busca do bem-estar dos cidadãos e na recuperação dos estragos produzidos pela guerra. As bases do sistema eram a criação de um forte sistema de saúde pública e bem-estar social que, ao mesmo tempo que não ia contra a propriedade privada, proporcionava a criação de um amplo sistema de moradia para a população carente e os que perderam muitas de suas posses na guerra.

O advento da Primeira Guerra Mundial levou Freud a profundas reflexões e teorizações que mudaram o curso da história da psicanálise. Em setembro de 1918, próximo ao encerramento daquela guerra, aconteceu o V Congresso Internacional de Psicanálise em Budapeste, um “momento de inflexão clínica e política na história da psicanálise” (Iannini & Santiago, 2020, p. 33) Nessa ocasião, Freud apresenta um trabalho – *Caminhos da terapia psicanalítica* – com o qual pretende estabelecer a posição do analista na sociedade, atualizando, justamente, o estatuto da terapia analítica. Ao final desse texto magnífico, propõe que o tratamento psicanalítico fosse estendido à população carente por meio de clínicas gratuitas:

[...] pode-se prever que, em algum momento, a consciência da população acordará e alertará para o fato de que o pobre tem o mesmo direito à assistência anímica que ele já tem agora à assistência cirúrgica, que salva vidas. E as neuroses não são menos ameaçadoras à saúde da população que a tuberculose e que, assim como estas, não podem ser deixadas a cargo de cada pessoa do povo. Então, serão erguidos instituições ou institutos de formação, onde trabalharão médicos de formação psicanalítica que através da análise manterão capazes, em face da resistência à produtividade, homens – que do contrário se entregariam à bebida -, mulheres – que ameaçam sucumbir diante do peso das renúncias – e crianças – que têm diante de si apenas a escolha da selvageria e da neurose. Esses tratamentos serão gratuitos (Freud, 1919[1918]/2019, p. 201).

Seis semanas após o congresso, a guerra chegou ao fim. Freud e vários psicanalistas se uniram e fundaram clínicas de atendimento às pessoas que não podiam pagar por um tratamento psicanalítico privado. Como exemplo, temos: a Policlínica de Berlim, fundada por Max Eitingon e Ernst Simmel; o Ambulatorium, em Viena, fundado por Eduard Hitschmann; a Clínica de Budapeste, fundada por Sandor Ferenczi;

entre outras. Entre as duas grandes guerras, mais de dez clínicas sociais funcionaram, tendo sido fundadas por discípulos de Freud. Danto sinaliza que essa virada inclui uma redefinição sobre a própria neurose, que passa de um assunto meramente pessoal para uma problemática que envolve o campo social e, assim, o cuidado com a saúde mental passou a ser visto como responsabilidade da sociedade e dos governos. Assim, segundo a historiadora, os psicanalistas, influenciados pela aura da Viena Vermelha, entenderam que a psicanálise, uma forma de tratamento eficaz para as patologias psíquicas, tinha uma missão social a cumprir (Danto, 2019, pp. 9-10).

Daí por que a questão do pagamento das sessões, antes colocada como um fator importante no tratamento, passou a ser questionada pelos psicanalistas das clínicas públicas. E Freud estaria, assim, recolocando sua posição anterior, em que diz que o valor do tratamento tem relação com a apreciação do paciente por este (Freud, 1913/2019). A psicanálise, até então restrita às classes sociais mais altas, passou a ser estendida às camadas populares, e o discurso freudiano no Congresso de Budapeste parece ter sido um estímulo poderoso para os analistas que o ouviram.

Foi à luz desse discurso e dessa época áurea que personalidades como Anton Von Freund, Max Eitington, Ernst Simmel, Eduard Hitschman e Sándor Ferenczi, além de outros, lançaram inúmeros projetos organizacionais. Nomes como Alfred Adler, Erik Erickson, Anna Freud, August Aichorn, Siegfried Bernfeld, Willi Hoffer, Wilhelm Reich, entre outros, também se envolveram em amplos projetos sociais. Segundo Rudolf Ekstein, Viena Vermelha não era apenas um movimento, mas também uma ética. O livro de Danto esclarece como os psicanalistas dessa época se envolviam diretamente em assuntos políticos: colocavam-se a serviço de uma causa, fazendo da prática da psicanálise uma forma de inventar a política do inconsciente. A posição ética desses analistas, pode-se observar, consistia no engajamento que cada um tinha com a causa e o desejo da difusão do ensino e da prática da psicanálise. Em função disso, a Policlínica de Berlim ficou conhecida como “quartel general do movimento psicanalítico” (Danto, 2019, p. 64).

O fim das clínicas gratuitas coincidiu com a chegada das tropas nazistas em Viena. E se o fim da Primeira Guerra trouxe o estímulo para

o funcionamento das clínicas públicas na Europa, foi depois da Segunda Guerra Mundial que a história da psicanálise foi contada por um viés apolítico, com orientação principalmente de Ernest Jones. A partir de 1949, as discussões sobre o que não seria intrapsíquico passaram a ser consideradas subversivas (Fernandes & Lima, 2019).

Voltando às contribuições de Hélio Pellegrino, um analista que seguiu os passos de Freud e de outros analistas à expansão profunda da clínica às camadas menos favorecidas, é forçoso reconhecer a importância de sua crítica à postura das sociedades psicanalíticas ao centrarem os sintomas psíquicos na história individual dos pacientes, deixando de considerar que as manifestações psíquicas podem e devem ser pensadas em correlação com as questões culturais, sociais e políticas do tempo que se testemunha. Outro aspecto importante da denúncia crítica de Pellegrino passa diretamente pela centralidade dos atendimentos privados e os altos preços cobrados pela hora da sessão. Sustentava que essa prática exigia que os analistas fizessem uma seleção sobre quem teria acesso ao tratamento, o que os tornava cúmplices da exclusão social promovida pelo capitalismo. Certo disso, fundou, em 1973, a Clínica Social de Psicanálise juntamente com Katrin Kemper, que a essa altura havia deixado de ser sua analista e se tornara sua amiga diletta. A inspiração veio das notícias que receberam de Berlim: alguns psicanalistas tinham fundado uma policlínica que atendia pessoas que não podiam pagar por uma análise em um consultório convencional. Disse, então, à colega: “por que não faríamos, aqui, um atendimento às pessoas de baixa renda, como forma de ascese política, num sujo tempo de fechamento e repressão?” (Pellegrino, MFN-09145, p. 1)

A organização da Clínica Social de Psicanálise buscou a independência das instituições, fazendo com que o atendimento psicanalítico se tornasse um ponto de resistência contra o conservadorismo e o elitismo marcante das sociedades psicanalíticas. Assim, Hélio fez a política da psicanálise por meio de sua prática como psicanalista, incentivando outros analistas a também o fazerem, visto que compreendia que não se tratava de um compromisso individual e muito menos de uma prática de caridade, mas sim de um compromisso que tinha relação com a teoria e a prática da psicanálise:

Nossa prática, portanto, está fundada num ato político. Não há como escapar disto. Ela se funda num ato político. Não há como escapar disto. Ela se funda num ato político e implica uma definição política. Por outro lado, nossa prática implica, inevitavelmente, nossa teoria, nossa ciência, a psicanálise (Pellegrino, MFN-09442, p. 3).

A instituição reunia diversas tendências, incluindo análise individual e de grupo. Também havia grupos lúdicos para crianças. Durante o tempo de sua atuação, a Clínica funcionou como uma “instituição de vanguarda”, nas palavras de Hélio. Além de ter ofertado atendimento às pessoas que não conseguiriam tratamento de outro modo, tornou-se um espaço de discussão da teoria e da prática da psicanálise. O fato é que a Clínica Social de Psicanálise se constituiu, também, como um fórum de debates intersocietário. Não estava ligada a nenhuma instituição psicanalítica, mas se tornou um locus de transmissão da psicanálise e do compromisso social da psicanálise dentro da comunidade na qual está inserida. Com essa iniciativa, capitaneada por Pellegrino, a psicanálise no Brasil, um país marcado por grande desigualdade social e que ainda atravessava uma ditadura militar, deu provas de que era possível não restringir seu acesso às elites:

A Clínica Social de Psicanálise ao fazer do preço da hora analítica seu ponto de ataque, e ao problematizar as questões que a esta questão se associam, constitui núcleo produtivo de tomada de consciência da contradição que, via de regra, permanece como sepultada num apoliticismo ideológico.

A Clínica, de saída, inquietou e indignou certos setores do establishment psicanalítico. Fomos acusados de injuriar a dignidade da tarefa analítica, atribuindo-lhe um degradante preço. Fomos acusados de demagogia, de agenciamento de clientes, de mau e vão uso do santo nome da psicanálise. Por fim, quero dar ênfase ao espírito ecumênico que a Clínica pode encarnar. Fora das disputas de poder, sem nenhum compromisso com qualquer instituição psicanalítica, a Clínica tem ampla liberdade de movimentar e fecundas possibilidades criativas (Pellegrino, MFN-09442, pp. 52-53, 55).

Fica assim manifestada nas ideias de Pellegrino a sua preocupação em oferecer a psicanálise a todos, e a importância de que a psicanálise pudesse ser estudada e praticada em um espaço longe de disputas de

poder e alianças com instituições psicanalíticas. Ele também fala que o trabalho na clínica possibilitou avanços com relação ao atendimento a crianças e adolescentes, assim como orientação aos pais, colocando que os analistas devem ser porta-vozes da “racionalidade, da tolerância democrática, dos direitos da criança e da juventude a uma sexualidade livre e sadia” (Pellegrino, MFN-09442, p. 18).

O trabalho da Clínica Social de Psicanálise foi uma experiência pioneira no campo das clínicas públicas na psicanálise brasileira. A postura de Pellegrino, através de seus escritos e do seu trabalho na psicanálise, aponta para a importância de que os psicanalistas reflitam acerca do compromisso social que tem a psicanálise na sociedade em que se insere. Resgatar esta história e refletir sobre o percurso deste importante psicanalista, cujas obras permanecem encerradas sob o estatuto do arquivo, é trazer a possibilidade de que essa experiência nos leve a pensar na nossa prática diária como analistas, que praticam a psicanálise neste tempo, neste país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito mais haveria a ser colocado aqui acerca da obra de Hélio Pellegrino. Como dito, o estado de conhecimento da produção psicanalítica do referido autor ainda é imensamente pequeno comparado ao seu trabalho e a sua contribuição para a psicanálise brasileira, pois tal produção ainda permanece, em grande parte, sob o estatuto do arquivo. Resta, então, repetir, em uma das questões que nos levou a escrever este texto, que incidências da psicanálise brasileira levaram os escritos de Hélio Pellegrino a permanecerem no arquivo do Museu de Literatura da Fundação Casa Rui Barbosa?

Pellegrino deu importantes contribuições à psicanálise brasileira. Ao seu espírito aberto, coube reposicionar a psicanálise no Brasil, tirando-a tanto do lugar de ser apenas um saber sobre as práticas sociais e sobre questões de identidade nacional, quanto da tarefa de propor ideais civilizatórios. Com isso, enfatizou a importância das relações entre psicanálise e cultura, retornando à posição freudiana de que o sujeito que precisa ser escutado no um a um, é o mesmo que carrega em si pluralidades identificatórias,

atravessamentos fantasmáticos, sintomas e sonhos, marcando, assim, a presença do Outro e dos outros em si. Herdeiro do legado freudiano, Hélio soube conquistar singularmente essa herança e torná-la sua. Lembremos aqui a frase de Goethe, citada por Freud em *Tótem e tabu* – “Aquilo que herdaste de teus ancestrais, conquista para torná-lo teu”.

Uma das suas grandes contribuições, certamente, foi o pioneirismo na implementação da Clínica Social de Psicanálise, tornando assim possível que neste país, marcado por grandes desigualdades sociais, a psicanálise, pela primeira vez, estivesse acessível a todos que precisassem e desejassem passar por essa experiência. Longe de ser um projeto que consistia em uma oferta assistencial de um serviço, o trabalho da clínica tinha relação com a própria psicanálise enquanto teoria e prática. Era um ato político que visava à transmissão da psicanálise e à resistência contra o sistema opressor das instituições vinculadas à IPA, pois Pellegrino compreendia que a psicanálise, embora verse em um tratamento individual, é também um acontecimento social dentro do momento histórico em que se insere.

Quanto ao sujeito do inconsciente, não tem raça, cor ou poder econômico. Assim, a psicanálise deveria de servir ao ser falante de qualquer estrato social. Com sua obra e seu trabalho, Hélio Pellegrino demonstrou que a clínica psicanalítica não é elitista! Foram as instituições que dominaram a transmissão da psicanálise que contaram a história de outra maneira.

Após sua morte, em 1988, porém, esta robusta história foi, aos poucos sendo recalçada. Seu nome permaneceu conhecido de forma marginal, de forma que muitos o conhecem de “ouvir falar” sem, no entanto, conhecer efetivamente sua obra e seu trabalho na psicanálise. Seus escritos, produções e a história da Clínica Social de Psicanálise estão ainda guardados sob o estatuto do arquivo, com difícil acesso ao público em geral. Questiona-se se tal situação não se dá, justamente, porque as obras e o trabalho de Hélio Pellegrino na psicanálise fazem dele um *unheimlich*... estranho, infamiliar, incômodo, apontando para o compromisso social da psicanálise e inquietando-nos acerca de nossa prática.

Com isso, cabe, então, afirmar a importância de seu legado às futuras gerações de analistas, na esperança de que, cada vez mais, a psicanálise seja preservada das perversas distorções dos que tentam deixá-la à margem das discussões e atos sociais importantes.⁵

REFERÊNCIAS

- Andrade, M. de. (1928/2019). *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Lafonte.
- Andrade, O. de. (2019). De Antropofagia. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, 7, 4. Recuperado em 2/7/2024. <https://revistalacuna.com/2019/08/07/n-7-4/>.
- Bezerra, E. (2022). Hélio Pellegrino: “czar de todas as rússias”. *IMS*. Recuperado em 2/7/2024. <https://ims.com.br/por-dentro-acervos/helio-pellegrino-czar-de-todas-as-russias-por-elvia-bezerra/>.
- Castro, L. L. de. (2024). *Hélio Pellegrino: por uma psicanálise política*. Curitiba: Appris.
- Castro, L. L. de. (2023). Silêncio sobre a contribuição da produção psicanalítica de Hélio Pellegrino. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 12(23).
- Certeau, M. de. (2023). *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas Públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. São Paulo: Perspectiva.
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Dunker, C. I. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.
- Fernandes, M., & Lima, R. A. (2019). Posfácio: Psicanálise Para Quem? In E. A. Danto. *As clínicas Públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. São Paulo: Perspectiva.
- Freud, S. (1913/2019). Sobre o início do tratamento. In S. Freud. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (2ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (1919[1918]/2019). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (2ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Haudenschild, T. R. L. (2015). Modernismo, mulher e psicanálise: Adelheid Koch, Virgínia Bicudo, Lygia Amaral e Judith Andreucci: pioneiras da psicanálise em São Paulo. *Ide*, 38(60), 215-235. Recuperado em 10/1/2024.

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010131062015000200018&script=sci_arttext.

Iannini, G., & Santiago, J. (2020). Mal-estar: clínica e política. In S. Freud. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.

Jaffe, N. (2008). *“Macunaíma”*. São Paulo: Edição plubifolha.

Le Rider, J., & Vienense, A. (1992). *Modernidade. as crises de Identidade*. Rio de Janeiro: Cia das Letras.

Oliveira, C. L. M. V. de. (2005). *História da psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Pellegrino, H. (1986/1988). *Joaquim, psicanálise e botânica*. Rio de Janeiro: Rocco.

Pellegrino, H. (MFN-09442). *Clínica Social de Psicanálise: uma experiência pioneira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Hélio Pellegrino.

Pellegrino, H. (Doc: MFN-09145). *Elitismo e psicanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, Arquivo Hélio Pellegrino.

PELLEGRINO, H. (2004) *Lucidez embriagada*. São Paulo: Planeta do Brasil.

Pires, P. R. (1998). *Hélio Pellegrino: a paixão indignada*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

NOTAS

¹ O I Congresso Brasileiro de Eugenia ocorreu no Rio de Janeiro, entre os dias 30 de junho e 7 de julho do ano de 1929.

² Freud respondeu às cartas que recebia dos psiquiatras (ao todo, umas cinco ou seis cartas), ligadas à fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Em uma delas, solicitou uma exposição sobre a organização e o funcionamento de tal instituição. Sobre elas, ver Caderno Mais (*Folha de São Paulo*, 5 de maio de 1996, disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/05/mais!/5.html> e <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/05/mais!/6.html>).

³ Esta é distinção feita por Marialzira Perestrello, sendo os precursores aqueles que trouxeram e difundiram as ideias psicanalíticas ao país, porém não foram

analisados e nem praticaram a psicanálise; e os pioneiros aqueles que praticaram a psicanálise (Perestrello citado por Vale, 2003).

⁴ Esta citação e as próximas de Hélio Pellegrino foram retiradas do texto: “Clínica Social de Psicanálise: uma experiência pioneira”, um manuscrito constante no acervo Hélio Pellegrino, que foi transcrito em dissertação de mestrado por Caroline Perrota Oliveira, orientada pela Profa. Dra. Betty Bernardo Fuks. Importante mencionar que o manuscrito foi transcrito na forma como ele fora redigido originalmente, não sendo realizadas correções ortográficas e gramaticais, nem mesmo as correspondentes às transformações sofridas na língua portuguesa durante o lapso de tempo entre a escritura do manuscrito e o momento atual.

⁵ Em 2024, ano do centenário de nascimento de Hélio Pellegrino, enquanto este artigo estava sendo finalizado, foram publicadas duas obras importantes em homenagem a esse psicanalista: *Hélio Pellegrino: Inconfidências*, de João Batista Lembi Ferreira, que traça um retrato sensível e contundente de um homem que uniu sentimento, pensamento e ação em sua luta por uma sociedade mais justa; *Hélio Pellegrino: Por Uma Psicanálise Política*, de Larissa Leão de Castro, que resgata a ousadia de Pellegrino em articular os conceitos psicanalíticos à realidade social brasileira e à produção de subjetividades em solo nacional.